

## QUESTÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

Marcela Barbosa de Menezes<sup>1</sup>  
Márcia Barbosa de Menezes<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar uma leitura inicial acerca dos estudos relativos às questões de gênero no contexto das brincadeiras infantis. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, bem como uma busca pelas produções científicas nacionais na área da psicologia do desenvolvimento produzidas nos últimos 5 anos sobre o assunto. Conclui-se que a produção brasileira sobre o tema é incipiente na referida área, havendo poucos trabalhos que realmente se propõem a discutir as questões de gênero no âmbito do brincar infantil como objeto principal. Assim, revela-se a necessidade da produção de estudos voltados para a referida temática na área da psicologia do desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Gênero; Brincadeiras; Infância.

### ABSTRACT

The present article aims to provide an initial overview of studies related to gender issues in the context of children's play. To this end, a narrative literature review was conducted, along with a search for national scientific productions in the field of developmental psychology produced in the last five years on the subject. It is concluded that Brazilian production on the topic is incipient in this field, with few studies that genuinely seek to discuss gender issues within the scope of children's play as the main focus. Thus, the need for the production of studies focused on this theme in the field of developmental psychology is highlighted.

**Keywords:** Gender; Children's Play; Childhood.

---

<sup>1</sup> Especialista (Pós graduada) em Ciências Criminais. Psicóloga bacharel em psicologia pela Universidade Salvador- Unifacs. Bacharel em Direito pela Universidade Salvador- Unifacs. Integrante do grupo de estudos e pesquisas sobre Brincadeiras e Contextos Culturais coordenado pela profa. Dra. Ilka Bichara (PPGPSI-UFBA). Salvador/Bahia, Brasil.

<sup>2</sup> Professora titular do Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM/UFBA). Integrante do grupo de Estudos e Pesquisas Ciência, Gênero e Educação (CIGE-NEIM/UFBA). Pesquisadora do NEIM/UFBA.

## 1. INTRODUÇÃO

As questões de gênero, particularmente os papéis sociais de gênero, estão presentes desde os primeiros momentos da vida de uma criança, influenciando sua trajetória desde a concepção. Os papéis sociais de gênero referem-se aos conjuntos de comportamentos, atitudes e expectativas que a sociedade considera apropriados para homens e mulheres, baseados em seu sexo biológico, e são moldados por normas culturais e sociais que estabelecem o que é considerado adequado para cada gênero (West & Zimmerman, 1987). Estudos indicam que essas expectativas de gênero começam a ser projetadas ainda durante a gestação, com pais e familiares preparando-se para a chegada do bebê com base em estereótipos de gênero que são profundamente enraizados na cultura (Zanello, 2018; Paechter, 2009). Essa construção social se intensifica após o nascimento, quando as interações sociais e os ambientes aos quais as crianças são expostas começam a moldar suas identidades de gênero de maneira mais direta. Desde as primeiras interações, as crianças são socializadas de acordo com normas que determinam o que é considerado adequado para meninos e meninas, influenciando, de forma significativa, suas experiências e oportunidades ao longo da infância (Connell, 2002).

Esses papéis sociais de gênero têm uma influência marcante no desenvolvimento das habilidades das crianças, atuando como um filtro através do qual elas exploram e compreendem o mundo ao seu redor. Por exemplo, meninos e meninas são frequentemente incentivados a desenvolver habilidades que se alinham com as normas de gênero tradicionais: meninos são estimulados a participar de atividades que promovem a agressividade, a independência e a competição, enquanto meninas são encorajadas a desenvolver habilidades relacionadas ao cuidado, à empatia e à cooperação (Berenbaum et al., 2008). Essas diferenciações não apenas limitam as possibilidades de desenvolvimento individual, mas também perpetuam desigualdades estruturais ao longo da vida, uma vez que habilidades consideradas "masculinas" ou "femininas" são valorizadas de maneira diferente na sociedade (Bussey & Bandura, 1999).

As brincadeiras infantis são um reflexo claro das questões de gênero e desempenham um papel crucial na perpetuação ou contestação desses papéis. Pesquisas mostram que as preferências por determinados tipos de brincadeiras, como jogos de faz-de-conta, esportes ou atividades de construção, são muitas vezes moldadas por normas de

gênero (Paechter, 2009). Meninas, por exemplo, são mais inclinadas a brincar de bonecas ou em contextos que envolvem cuidados e relações interpessoais, enquanto meninos são mais frequentemente encontrados em brincadeiras que envolvem competição e habilidades motoras (Cherney & London, 2006). Essas práticas não apenas reforçam os estereótipos de gênero, mas também limitam as crianças a um conjunto restrito de experiências e aprendizagens, contribuindo para a formação de identidades de gênero que se alinham às expectativas sociais predominantes.

Diante desse contexto, torna-se fundamental discutir as questões de gênero na infância, não apenas como uma forma de combater a perpetuação de estereótipos, mas também como um meio de promover um desenvolvimento mais equitativo e inclusivo para todas as crianças. Abordar o gênero na infância envolve questionar e desconstruir as normas que limitam as oportunidades e a liberdade das crianças de explorar diferentes aspectos de suas identidades (Thorne, 1993). Ao proporcionar um ambiente onde as crianças possam expressar-se livremente e sem as restrições impostas pelos papéis de gênero tradicionais, é possível fomentar o desenvolvimento de habilidades variadas e a construção de uma identidade mais plural e autêntica (Martin & Ruble, 2004).

Dito isto, torna-se relevante compreender como as questões de gênero nas brincadeiras infantis vêm sendo abordadas nas pesquisas científicas no campo da psicologia do desenvolvimento brasileira nos últimos 5 anos. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a realizar uma revisão narrativa dos estudos envolvendo tal temática, com o intuito de evidenciar as discussões mais recentes produzidas cientificamente no âmbito nacional pela referida área. Assim, este ensaio está estruturado em 4 tópicos: o primeiro versa sobre o conceito de gênero a partir da perspectiva behaviorista radical, cujas bases estão amparadas na teoria de base evolucionista do desenvolvimento humano; em seguida, traz o conceito de criança de acordo com os estudos fundamentados na nova sociologia da infância, e demonstra a relação entre gênero e infância; o terceiro tópico se propõe a discutir as questões de gênero na cultura lúdica; por fim, o quarto tópico apresenta uma revisão narrativa das pesquisas brasileiras realizadas na área da psicologia do desenvolvimento dos últimos 5 anos sobre a temática. O propósito deste ensaio é apresentar um panorama geral da literatura científica nacional relativa às questões de gênero na infância, em especial no contexto das brincadeiras infantis.

## 2. A CATEGORIA GÊNERO A PARTIR DA PERSPECTIVA DO BEHAVIORISMO RADICAL

O termo gênero pode ser conceituado a partir de perspectivas de cunho mais biologicistas, culturais, ou interrelacionando ambas, e nos últimos anos vêm sendo utilizado por diversas ciências para designar constructos ou fenômenos muitas vezes distintos. Neste trabalho, optou-se por ressaltar a perspectiva behaviorista radical acerca do gênero, considerando suas bases na compreensão de base evolucionista do desenvolvimento humano.

Em linhas gerais, Skinner (1975) propõe que um organismo é um produto contingente de uma história de variação e de seleção, mas não se restringe a uma estrutura bioquímica, uma vez que cada organismo é constituído por um repertório de comportamentos selecionados no nível filogenético, como reflexos incondicionados e os instintos. Contudo, essa dimensão não esgota o ser humano, uma vez que a susceptibilidade ao reforçamento provavelmente permitiu a evolução do condicionamento operante, possibilitando a constituição de um repertório comportamental ontogenético, denominado por Skinner de “pessoa” de acordo com a concepção do comportamentalismo radical. Ademais, “a dimensão pessoal do ser humano é constituída no contexto de uma cultura” (Silva e Laurenti, 2016). Sobre a perspectiva *skinneriana*, Silva e Laurenti (2016) argumentam:

O modelo de seleção pelas consequências estabelece, então, uma concepção multidimensional de ser humano. As três histórias de variação e de seleção constituem, respectivamente, a dimensão orgânica (organismo), pessoal (pessoa) e reflexiva (self). Examinar essas dimensões separadamente não parece fazer justiça à complexidade humana. Além disso, explicar o comportamento humano considerando essa multidimensionalidade vai na contramão de explicações reducionistas do comportamento (Silva e Laurenti, 2016).

A partir da compreensão da visão de Skinner acerca do desenvolvimento da pessoa e do *self*, Silva e Laurenti (2016) afirmam que a perspectiva do caráter multidimensional do ser humano e o viés não reducionista do modelo de seleção pelas consequências ajudam a esclarecer, dentro da perspectiva comportamental, alguns pressupostos das

ideias feministas, em especial a noção de gênero. Assim, dentro da visão comportamental, o termo gênero designaria os padrões de comportamento ontogenéticos considerados típicos de mulheres ou homens dentro de um certo contexto cultural, enquanto a noção de *self* compreenderia a noção de identidade de gênero, ou seja, o modo como a pessoa se comporta, pensa e sente em relação ao seu gênero. Portanto, a concepção não reducionista de Skinner sugere que a dimensão orgânica participa, mas não determina absolutamente a constituição do humano, uma vez que só ganha sentido quando está contextualizada dentro de uma cultura (Silva e Laurenti, 2016). A partir da explanação acerca das concepções do behaviorismo radical, as autoras afirmam haver uma aproximação entre a compreensão *skinneriana* e a teoria feminista de Simone de Beauvoir, uma vez que

Os padrões de comportamento definidos como homem e mulher não seriam, portanto, esclarecidos pela filogênese, mas pela ontogênese e pela cultura. Embora a terminologia utilizada por Beauvoir seja diferente da de Skinner, poder-se-ia afirmar que ambos propõem uma concepção de ser humano definida em termos biológicos, psicológicos e sociais, isto é, produto de três níveis históricos (Silva e Laurenti, 2016).

Vale ressaltar, ainda, a concepção de Sardenberg (2004) acerca de gênero, pois apesar de pressupostos teóricos e filosóficos distintos dos expostos acima, alguns pontos do seu conceito se coadunam com o já exposto e auxiliam na reflexão acerca da problemática exposta neste trabalho. Desse modo, Sardenberg (2004) afirma que gênero é um termo que “identifica o fenômeno da construção social das diferenças e identidades sexuais”. Segundo a autora, esse conceito abarca tanto certas tendências consideradas “universais em relação ao masculino e ao feminino, como as especificidades históricas e culturais” (Sardenberg, 2004), possibilitando pensar em mulheres e homens como construções históricas, desconstruindo e desnaturalizando o masculino e o feminino. Nesse sentido, a autora ressalta que a perspectiva de gênero é um instrumento de transformação social, o que inclui a desestabilização e questionamento das Ciências como um todo, historicamente embasadas nos ideais de neutralidade e universalidade, apesar de produzidas com um viés androcêntrico (Sardenberg, 2004).

Nesse cenário, questiona-se como a psicologia enquanto ciência vem tratando de tal assunto, em especial na área da psicologia do desenvolvimento, que tem como objetivo compreender os diversos processos de transformação ocorridos ao longo da vida humana.

Atualmente, já é possível encontrar estudos sobre gênero especialmente na área da psicologia social ou versando sobre o tema a partir do período da adolescência, mas muito pouco se produz no que se refere às questões de gênero na infância (Souza et al., 2023; Sayão, 2003). De acordo com Sayão (2003), apesar das crianças estarem inseridas em toda e qualquer construção social que possa ser feita a partir delas, ainda são raros os estudos que possuem gênero e infância como objeto de investigação, fato que será mais bem explorado no tópico a seguir.

### **3. GÊNERO E INFÂNCIA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO**

#### **3.1. Concepção de infância e de criança**

Havendo introduzido a concepção de gênero sobre a qual este estudo se ampara, torna-se necessário ressaltar a concepção de infância e de criança que aqui será utilizada. De acordo com Sarmiento (2002), a concepção moderna da infância considera as crianças como seres que possuem um *déficit*, uma vez que não possuiriam um pensamento objetivo ou possuiriam laços racionais com a realidade imperfeitamente formados. Por esta perspectiva, a criança é vista de um ponto de vista negativo, como um ser “faltante”, ideia que se assenta em uma base ideológica moderna com suporte no discurso científico e pericial (Sarmiento, 2002). Não obstante, nos últimos tempos, o início da revisão das bases epistemológicas da Psicologia, disciplina hegemônica na interpretação das formas de racionalidade e comportamento das crianças, vem contrariando a concepção da criança como um ser deficitário. Dito de outro modo, as abordagens interdisciplinares que vêm discutindo a infância revelam cada vez mais a necessidade da revisão das bases epistemológicas da Psicologia (Sayão, 2003; Sarmiento, 2002).

Nessa linha, os estudos embasados na chamada nova Sociologia da infância se sobressaem ao considerar que as diferenças existentes entre crianças e adultos (em especial na transposição do real para o imaginário) são particularidades específicas de cada uma destas fases do desenvolvimento, não constituindo um *déficit* (Sarmiento, 2002). Ao desafiar a visão tradicional de que as crianças seriam apenas futuros adultos em

formação, a nova Sociologia da infância enfatiza que elas possuem um valor intrínseco em suas experiências atuais, as quais devem ser valorizadas.

Assim, a nova sociologia da infância questiona a noção de uma infância universal, homogênea, descontextualizada e a-histórica (embasada principalmente nos estudos de Piaget e na psicologia do desenvolvimento) ao sugerir que esta é uma construção que varia de acordo com as culturas e os contextos históricos (Ramos, 2013; Sarmiento & Pinto, 1997). Nessa perspectiva, a infância é entendida como uma fase da vida com significados e práticas próprios, que diferem entre as sociedades – portanto, a infância é vista como uma categoria social. Esta categoria é formada pelas crianças, consideradas verdadeiros agentes sociais, as quais devem ter suas peculiaridades consideradas, além das suas habilidades de criar símbolos e formar suas próprias representações e crenças dentro de sistemas organizados, ou seja, culturas (Borba, 2007; Sarmiento, 2007; Sarmiento & Pinto, 1997).

### **3.2. Culturas da infância e gênero**

As chamadas “culturas da infância” consistem em um marcador diferencial da categoria geracional infância, consistindo nas culturas criadas pelas crianças através das suas habilidades de produzirem suas próprias formas de dar significado ao mundo e agirem intencionalmente, formas estas que são distintas das formas de significação e ação dos adultos (Sarmiento, 2003). As formas e os conteúdos das culturas infantis são criados em interdependência com as culturas geradas pela sociedade, sendo influenciados por fatores como classe social, gênero e etnia. Dessa forma, não existe um sistema único e fixo para os modos de significação e ação das crianças.

Desse modo, o contexto sociocultural afeta direta e indiretamente as crianças, não sendo possível sustentar uma ideia de que haveria uma espécie de “bolha da infância” na qual as questões socioculturais não a atravessassem. Isso não significa que a influência do mundo adulto torna as crianças seres passivos e meros receptores de informações; ao contrário, as crianças interpretam de forma inovadora a cultura geral, reproduzindo-a criativamente especialmente durante as relações com seus pares, o que se torna especialmente visível durante as brincadeiras (Corsaro, 2012; Sarmiento, 2002, Brougère,

1998). Consequentemente, as questões de gênero se refletem nas culturas da infância, o que será mais bem explorado no tópico a seguir.

#### 4. OS REFLEXOS DAS QUESTÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS

De acordo com os estudiosos do tema, o brincar é um espaço de criação cultural que, assim como outros comportamentos, está inserido dentro de uma dimensão sociocultural. Assim, embora seja um comportamento universal, o brincar apresenta especificidades a depender do contexto social, cultural e histórico no qual ocorre, bem como pode apresentar características distintas a depender da idade, gênero, classe social, raça, etnia e outras particularidades de quem brinca (Kishimoto & Ono, 2008; Sarmiento, 2003; Brougère, 1998). Portanto, pode-se afirmar que o brincar emerge a partir da cultura, absorvendo elementos desta, ao mesmo tempo em que cria cultura (Corsaro, 2012; Sarmiento, 2003; Brougère, 1998).

Nesse sentido, Brougère (1998) traz o conceito de “cultura lúdica”, a qual, entre outras características, seria composta por esquemas que permitiriam que a brincadeira se iniciasse ao mesmo tempo em que é produzida pelos brincantes. Portanto, a criança constrói a sua cultura lúdica brincando, havendo um duplo movimento interno e externo (Brougère, 1998), sendo possível afirmar que tal cultura é produto das interações sociais da criança, que como sujeito social, é co-construtora da mesma. É importante destacar que, assim como a cultura geral, a cultura lúdica é dinâmica e diversificada de acordo com os indivíduos, grupos, condições climáticas ou espaciais, bem como varia no tempo, pois se alimenta constantemente dos elementos da cultura na qual se insere (Brougère, 1998).

Nessa linha, no que diz respeito ao gênero, Brougère (1998) afirma que a cultura lúdica varia entre meninos e meninas, o que é corroborado por outros estudos realizados principalmente no final da década de 90 do século 20 e início do século 21 (Menezes & Brito, 2013; Fiaes et al, 2010; Kishimoto & Ono, 2008; Gosso et al., 2006; Bichara, 2001). Contudo, conforme já exposto, a cultura é dinâmica, de modo que categorias e fenômenos sociais são constantemente reinterpretados e compreendidos de maneira diversa pela sociedade, como é o caso das questões de gênero.



Nos últimos anos, os papéis sociais relativos aos comportamentos de homens e mulheres continuaram a ser fortemente questionados e combatidos, de modo que a discussão sobre gênero continua a fazer parte de uma agenda política. Pode-se afirmar que a sociedade ocidental, em especial, vem passando por um processo de desconstrução de certos estereótipos de gênero (ainda que ocorram avanços e retrocessos), os quais embasam comportamentos discriminatórios, preconceitos, e limitam o exercício da liberdade e dos direitos humanos. Tais desconstruções podem ser observadas na mídia, com o aumento de personagens em filmes, novelas e seriados fora do padrão socialmente valorizado, bem como um aumento da representatividade de gêneros nas publicidades. No que tange aos elementos produzidos pelos adultos e voltados para o público infantil, percebe-se uma mudança no enredo dos filmes da Disney, por exemplo, nos quais a “nova geração de princesas”, como têm sido chamadas, são representadas como guerreiras, heroínas, não performando a história da princesa frágil e delicada à espera da salvação pelo príncipe encantado – vide as personagens das animações como Moana, Merida (da animação “Valente”) e Raya (da animação “Raya e o último dragão”) (Tondato & Vilaça, 2021). Não obstante, devemos ressaltar que as crianças estão em contato direto ou indireto com os elementos da cultura em geral, não apenas aqueles voltados para o público infantil, de modo que os conteúdos transmitidos socialmente também incidem sobre a cultura lúdica. Ademais, o conjunto de dispositivos culturais produzidos pelos adultos para as crianças só são realmente transmitidos e difundidos por estas quando se compatibilizam com as condições específicas de recepção pelos infantes (Sarmiento, 2003).

Portanto, muito longe de ser um sujeito passivo e mero receptor da cultura criada pelos adultos, a criança é sujeito ativo, produzindo e transmitindo cultura. De acordo com Sarmiento (2003) “é no vai-vém entre culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância” (Sarmiento, 2003).

Em um sentido semelhante, Corsaro (2012) elabora o conceito de “reprodução interpretativa”, segundo o qual as crianças a partir dos 2 (dois) anos se apropriam das informações do mundo adulto e as recriam de forma inovadora para abordar suas preocupações. Portanto, as crianças não apenas internalizam a sociedade e a cultura, mas

também contribuem de forma ativa para a produção e mudança culturais. De acordo com Corsaro (2012)

as crianças estão sempre participando e fazem parte de duas culturas – a sua própria e a dos adultos – e essas culturas estão intrinsecamente entrelaçadas. Além disso, as crianças interpretam – e contribuem para – a cultura adulta por meio de suas ações coletivas nas culturas de pares que criam ao longo da sua infância (Corsaro, 2012).

Nesse contexto, considerando que a cultura lúdica participa do processo de socialização das crianças (Brougère, 1998), bem como que através das brincadeiras as crianças reproduzem e interpretam os elementos socioculturais (Corsaro, 2012), questiona-se: como a cultura lúdica infantil vem refletindo as mudanças nos papéis sociais de gênero vigentes na sociedade atual, em especial na sociedade brasileira? E como tais questões vêm sendo discutidas no âmbito da psicologia do desenvolvimento, especialmente no Brasil?

Brougère (1988) afirma que as diferenças sexuais na cultura lúdica indicam o papel que ela representa na construção da identidade sexual, o que revela a importância do estudo envolvendo a interrelação entre tais temáticas. Nessa linha, Conti e Sperb (2001) afirmam que a forma como os meninos e meninas se relacionam deve ser interpretada como uma representação social presente na cultura destes; assim, quando a criança usa as informações que lhes foram socioculturalmente transmitidas acerca do papel de cada gênero, ela vai construindo a sua própria versão de identidade de gênero.

A maneira pela qual as crianças adquirem e desenvolvem papéis de gênero já havia sido estudada por Bichara (2001), que observou a presença de estereotipia e segregação de gênero durante as brincadeiras dos índios Xocó e dos negros do Mocambo, bem como de tipificação de gênero durante brincadeiras realizadas em parquinhos públicos na cidade de Salvador – BA (Fiaes et al., 2010). A estereotipia de gênero consiste em um conjunto de comportamentos socialmente considerados adequados e expectativas socialmente esperadas de acordo com o sexo biológico da criança – menino ou menina (Bichara, 2001). Por sua vez, a segregação de gênero pode ser descrita como o comportamento de separação no grupo de crianças em subgrupos formados por meninas e outro formado por meninos (Bichara, 2001). Já a tipificação de gênero ocorre quando determinadas

brincadeiras e brinquedos são classificados como sendo “de/para meninas” ou “de/para meninos”.

Conforme já exposto, apesar da relevância do tema, poucos são os estudos relativos ao tema gênero e infância (Sayão, 2003), e menos ainda são aqueles abordando as questões de gênero e o universo lúdico do brincar (Silva et al., 2006). Entretanto, nas brincadeiras as crianças podem experimentar e representar papéis que estão para além daqueles convencionados socialmente (Sayão, 2003), o que reafirma a importância da cultura lúdica para o processo de socialização infantil (Brougère, 1998), bem como a relevância de investigar como as questões de gênero emergem no contexto lúdico das brincadeiras infantis.

## **5. REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA DOS ÚLTIMOS 5 ANOS.**

### **5.1. Método**

No intuito de verificar como as pesquisas nacionais no campo da psicologia do desenvolvimento vêm abordando as questões de gênero no período da infância, especialmente no contexto das brincadeiras, foram realizadas algumas buscas no portal de periódicos Capes e Scielo por artigos científicos produzidos nos últimos 5 anos (2019-2024). Estes bancos de dados foram escolhidos devido à sua ampla cobertura de literatura científica na área de psicologia e por conterem um número significativo de publicações relevantes para o tema em análise.

As buscas foram realizadas utilizando descritores em inglês e português que refletissem tanto área em análise (psicologia do desenvolvimento) quanto o recorte sobre gênero e brincadeiras infantis. Assim, os descritores utilizados foram: *developmental psychology, child\*, gender; child\*, gender, play, psycholog\**; *child\*, gender, game, psycholog\**; *gênero, criança, brinca\**; *gênero, infan\*, brinca\**. Tais termos foram escolhidos para capturar uma ampla gama de estudos relevantes ao tema proposto, garantindo que os resultados incluíssem as produções nacionais publicadas em inglês e português.

Como critérios de inclusão, foram considerados os seguintes: estudos que pertenciam expressamente à área da psicologia do desenvolvimento, que pertenciam à

área da psicologia e abordavam temas relacionados à psicologia do desenvolvimento, que problematizavam questões de gênero de forma central no contexto das brincadeiras infantis. Já como critérios de exclusão, foram selecionados os seguintes: estudos que utilizavam gênero apenas como variável secundária, que não foram produzidos expressamente na área da psicologia do desenvolvimento (ou que eram da área da psicologia, mas não abordava temas relativos à psicologia do desenvolvimento), que não versavam sobre a relação entre gênero e brincadeiras infantis.

## 5.2. Resultados

Os resultados encontrados foram sintetizados na tabela a seguir:

	<b>Base de Dados</b>	<b>Descritores</b>	<b>Total de Artigos encontrados</b>	<b>Resultado após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.</b>
	<b>Portal de Periódicos CAPES</b>	Developmental Psychology, Child*, Gender	6	1
		Child*, Gender, Play, Psycholog*	6	1
		Child*, Gender, Game, Psycholog*	2	0
		Gênero, Criança, Brinca*	26	1

		Gênero, Infan*, Brinca*	0	0
	<b>SCIELO</b>	Developmental Psychology, Child*, Gender	2	0
		Child*, Gender, Play, Psycholog*	1	0
		Child*, Gender, Game, Psycholog*	1	0
		Gênero, Criança, Brinca*	3	0
		Gênero, Infan*, Brinca*	8	0

Na primeira busca realizada no Portal CAPES, utilizando os descritores “Developmental Psychology”, Child\*, Gender, foram encontrados 6 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restou somente 1 artigo relevantes para o estudo. A segunda busca utilizando os descritores Child\*, Gender, Play, Psycholog\*, também resultou em 6 artigos. No entanto, após a exclusão de 2 artigos repetidos, 3 de outras áreas, e 1 que não versava sobre o tema, restou apenas 1 artigo pertinente. Na terceira busca no Portal CAPES, que utilizou os descritores Child\*, Gender, Game, Psycholog\*, foram identificados 2 artigos, mas ambos foram excluídos, pois não pertenciam à área de psicologia e não focavam na infância, resultando em nenhum artigo restante. A quarta busca com os descritores Gênero, Criança, Brinca\*, encontrou 16 artigos, mas após a exclusão de 6 artigos de outras áreas, 3 de áreas não identificadas e outros não concernentes ao tema pesquisado, apenas 1 artigo foi considerado adequado para o estudo. A quinta busca, utilizando os descritores Gênero, Infan\*, Brinca\*, não resultou em nenhum artigo.

Nas buscas realizadas na base Scielo, a primeira, com os descritores “Developmental Psychology”, Child\*, Gender, resultou em 2 artigos. Contudo, após a exclusão de 1 artigo repetido (já encontrado no CAPES) e outro que não abordava o tema de interesse, nenhum artigo restou. A segunda busca com os descritores Child\*, Gender, Play, Psycholog\*, identificou 1 artigo, que foi excluído por não atender aos critérios de inclusão, resultando em nenhum artigo restante. A terceira busca utilizando os descritores Child\*, Gender, Game, Psycholog\* também encontrou 1 artigo, o qual foi excluído por não atender aos critérios de inclusão. A quarta busca com os descritores Gênero, Criança, Brinca\* identificou 3 artigos, todos excluídos por pertencerem a outras áreas e temas, resultando em nenhum artigo restante. Por fim, a quinta busca na Scielo com os descritores Gênero, Infan\*, Brinca\* encontrou 8 artigos, mas todos foram excluídos por serem de outras áreas, resultando novamente em nenhum artigo restante.

Os referidos resultados refletem a escassez de estudos brasileiros que problematizam as questões de gênero no contexto das brincadeiras infantis na área da psicologia do desenvolvimento, evidenciando a necessidade de mais pesquisas nessa temática. Não obstante, alguns pontos interessantes podem ser extraídos a partir dos estudos encontrados.

### **5.3. Resultados e discussão**

Considerando que o escopo do presente artigo, alguns dados interessantes podem ser extraídos dos estudos encontrados.

O artigo "Trajectories of Development and Socialization of Trans Brazilian Youth Through Self-Portraits" (Cerqueira-Santos, Santana e Ramos, 2020) explora as trajetórias de desenvolvimento e socialização de jovens trans brasileiros, utilizando autorretratos como método de investigação. O estudo aborda os desafios enfrentados por esses jovens em um contexto cultural marcado por normas cisnormativas e heteronormativas, e analisa como essas experiências impactam a construção da identidade de gênero desde a infância até a juventude.

De acordo com o artigo, as brincadeiras e outras atividades lúdicas infantis desempenharam um papel significativo na construção e compreensão das identidades de gênero dos participantes ao longo de suas trajetórias de vida (Cerqueira-Santos, Santana

e Ramos, 2020). Os relatos dos participantes revelam que, desde a infância, certas brincadeiras e comportamentos foram interpretados como indícios de um deslocamento do gênero atribuído ao nascimento. Por exemplo, um dos participantes, B.P., relatou que, durante a infância, apesar de sua preferência por roupas masculinas e por brincar com seu sobrinho ao invés de meninas, não enfrentou desafios diretos, como o participante I.S., talvez porque uma menina brincando com elementos considerados masculinos fosse mais aceitável socialmente do que o contrário (Cerqueira-Santos, Santana e Ramos, 2020). Essa preferência por elementos e brincadeiras associados ao universo masculino acabou reforçando sua identificação como homem trans mais tarde na vida. K.K., outro participante, mencionou que, na infância, a forma como ele brincava, como correr de cueca na rua ou amarrar a toalha de um jeito diferente, estava relacionada a uma experimentação sensorial de seu corpo que desafiava as normas de gênero estabelecidas (Cerqueira-Santos, Santana e Ramos, 2020). Essa dualidade em relação ao próprio corpo e às expectativas de gênero se manifestou durante as brincadeiras e atividades lúdicas que K.K. realizava. Essas experiências lúdicas, embora comuns em muitas infâncias, adquiriram significados particulares para os participantes por conta de suas experiências de gênero dissidentes. As brincadeiras, os jogos e as interações infantis não foram apenas atividades recreativas, mas também momentos de autoexploração e experimentação de identidade, que influenciaram profundamente a maneira como cada participante construiu e entendeu sua identidade de gênero ao longo do tempo (Cerqueira-Santos, Santana e Ramos, 2020).

Por sua vez, o artigo "Effects of Gender and Body Weight on Children's Peer Choice During Physical Activities" (Souza et al., 2019) investiga como o gênero e o peso corporal influenciam as escolhas de colegas de brincadeira entre crianças durante atividades físicas. O estudo, conduzido com crianças em idade escolar, revela que o gênero é um fator determinante na seleção de colegas para brincadeiras, superando até mesmo a consideração do peso corporal.

As crianças demonstraram uma forte preferência por escolher colegas do mesmo gênero, independentemente do peso. Mais especificamente, meninos preferiam outros meninos e meninas preferiam outras meninas, mesmo que os colegas escolhidos fossem acima do peso. No entanto, quando havia uma escolha entre um colega acima do peso e

outro com peso normal do mesmo gênero, a criança com peso normal era favorecida. Isso sugere que, embora o peso seja uma consideração, ele é secundário em relação ao gênero na hora de escolher companheiros de brincadeiras (Souza et al., 2019).

Esses achados indicam que as normas de gênero são profundamente internalizadas pelas crianças desde cedo, afetando suas interações sociais durante as brincadeiras. Além disso, o estudo destaca a necessidade de entender melhor como esses fatores influenciam as dinâmicas sociais das crianças e o impacto dessas escolhas em seu desenvolvimento social e emocional (Souza et al., 2019).

## 6. CONCLUSÃO

Conforme exposto, o behaviorismo radical propõe uma análise anti-mentalista, anti-essencialista e anti-universalista em relação ao gênero, ao considerar que o comportamento humano é produto das interações entre os aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Dentro do sistema sociocultural patriarcal, são definidos regras e padrões de comportamento, de modo que a diversidade comportamental humana é inserida em classes conceituais como heterossexual, homossexual, bissexual, gênero masculino ou feminino etc (Cravo et al, 2022). Nesse sentido, percebe-se que o contexto cultural afeta inexoravelmente os indivíduos, de modo que não há como se falar em questões de gênero sem se referir à cultura.

Assim sendo, uma vez que as crianças estão imersas na cultura geral, é visível que esta afeta a cultura das infâncias e, conseqüentemente, as questões de gênero também as atravessam. Contudo, deve-se ter cuidado para não incorrer no risco de considerar as crianças como meras “folhas em branco”, pois não é tudo que é produzido pela cultura adulta que será absorvido por estas. Ao contrário: a cultura adulta só será recepcionada pelas crianças se estiverem dentro de certas condições, bem como será reinterpretada de forma criativa pelas crianças, no processo denominado por Corsaro (2012) de “reprodução interpretativa”. Esse processo pode ser observado na cultura lúdica infantil, pois através das brincadeiras as crianças reproduzem e interpretam criativamente os elementos socioculturais (Corsaro, 2012), de modo que a cultura lúdica se revela fundamental para a socialização dos infantes (Brougère, 1988). Brougère (1988) ressalta,



inclusive, que a cultura lúdica representa um importante papel na construção da identidade sexual, o que é revelado ao se observar as diferenças sexuais na cultura lúdica infantil.

A análise dos artigos brasileiros encontrados na pesquisa realizada demonstra não apenas a relevância que a questão de gênero exerce sobre as preferências das crianças quanto às brincadeiras e escolhas de parcerias, como também o quanto as brincadeiras fazem parte na construção das identidades de gênero.

Apesar da importância da temática, a revisão de literatura realizada demonstra a pouca produção científica envolvendo infância e gênero como objetos de investigação. A visão romantizada da infância como um período de pureza e inocência, bem como das crianças como sujeitos passivos de uma cultura adultocêntrica contribuem para a pouca problematização do tema, ainda visto de forma estereotipada.

Além da necessidade de mais estudos que investiguem gênero e infância como objetos principais, é importante que os conceitos destas categorias de análise sejam explicitados pelos estudiosos – fato que não foi verificado na grande maioria dos trabalhos encontrados -, bem como que gênero seja analisado em interrelação com outras categorias, como raça e classe.

Não menos importante é a necessidade de desconstruir a visão adultocêntrica em relação às crianças, um processo que pode ser iniciado a partir do momento em que mais pesquisas passarem a ouvir às crianças, ou seja: é importante considerar que estas são sujeitos ativos, co-construtores de suas próprias culturas, e que são seres capazes de opinar e expor suas perspectivas acerca dos assuntos que as influenciam direta ou indiretamente.

## 7. REFERÊNCIAS

BERENBAUM, Sheri A.; MARTIN, Carol L.; RUBLE, Diane N. Gender Development. In: DAMON, William; LERNER, Richard M. (Eds.). *Handbook of Child Psychology: Social, Emotional, and Personality Development*. 6th ed. New York: Wiley, 2008. v. 3, p. 647-696.

BICHARA, Ilka Dias. Brincadeiras de meninos e meninas: Segregação e estereotipia em episódios de faz-de-conta. *Temas em Psicologia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2001. [online] Disponível em:



[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2001000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2001000100003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 20 jun. 2023.

BORBA, Angela Meyer. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. *Momento - Diálogos Em Educação*, Rio Grande, v. 18, n. 1, p. 35–50, 2008. [online] Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/749>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, 1998. [online] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59630/62727>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BUSSEY, Kay; BANDURA, Albert. Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, Washington, v. 106, n. 4, p. 676-713, 1999. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.106.4.676>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; SANTANA, Mariana Valadares Macêdo de; RAMOS, Mozer de Miranda. Trajectories of development and socialization of trans Brazilian youth through self-portraits. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 11. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00133>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CHERNEY, Isabelle D.; LONDON, Kamala. Gender-linked differences in the toys, television shows, computer games, and outdoor activities of 5- to 13-year-old children. *Sex Roles*, New York, v. 54, n. 9-10, p. 717-726, 2006. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9037-8>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CONNELL, Raewyn W. *Gender*. Malden: Polity Press, 2002.

CONTI, Luciana; SPERB, Tânia Mara. O Brinquedo de Pré-Escolares: Um Espaço de Ressignificação Cultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 059-067, 2001. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000100009>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CORSARO, William A. Interpretative Reproduction on Children's play. *American Journal of Play*, Rochester, v. 4, n. 4, p. 504-517, 2012. [online] Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ985602.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CRAVO, Felipe; ALMEIDA-VERDU, Ana C.; COSTA-JUNIOR, Florêncio. Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, Marília, v. 13, n. 2, p. 247-265, 2022. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.18761/a52affa6>. Acesso em: 21 jun. 2023.

FIAES, Carla; MARQUES, Reginalice; COTRIM, Gabriela.; BICHARA, Ilka Dias. Gênero e Brincadeira em Parquinhos Públicos de Salvador (BA). *Interação em*

*Psicologia*, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 31-41, 2010. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.5380/psi.v14i1.13465>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GOSSO, Yumi; MORAIS, Maria de Lima Salum e; OTTA, Emma. Pivôs utilizados nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças brasileiras de cinco grupos culturais. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 11, n. 1, p. 17-24, jan./mar. 2006. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100003>. Acesso em: 22 abr. 2024.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-posições*, Campinas, v. 19, n. 3, 2008. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000300011>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARTIN, Carol L.; RUBLE, Diane N. Children's search for gender cues: Cognitive perspectives on gender development. *Current Directions in Psychological Science*, Los Angeles, v. 13, n. 2, p. 67-70, 2004. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.00276.x>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MENEZES, Alice Beckmann; BRITO, Regina Célia. Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 193-201, 2013. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100021>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PAECHTER, Carrie. *Meninos e Meninas: Aprendendo Sobre Masculinidade e Feminilidade*. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

RAMOS, Anne Carolina. A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 1, n. 3, p. 106-123, set./dez. 2013. [online] Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/download/29993/17735>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SARDENBERG, Cecília. Estudos feministas: um esboço crítico. Fortaleza, 2004. [online] Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6880/1/Estudos%20Feministas.%20Esbo%3%A7o%20Cr%3ADtico.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i21.1467>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SAYÃO, Déborah Toméh. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 67-87, 2003. [online] Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643862>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Emanuelle Castaldelli; LAURENTI, Carolina. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, Marília, v. 7, n. 2, p. 197-2011, 2016. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SILVA, Lúcia Isabel; PONTES, Fernando Augusto; SILVA, Sarah Danielle; MAGALHÃES, Celina Maria; BICHARA, Ilka Dias. Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 114-121, 2006. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000100016>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Sobre o behaviorismo*. Tradução de M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix, 2006. (Trabalho original publicado em 1904-1990).

SOUZA, Graziela de Oliveira; SILVA, Suéllen Raquel da; BENITEZ, Priscila; VASCONCELLOS, Eduardo Luciano de; FORNACIARI, Daniela Maria; DOMENICONI, Camila; SOUZA, Débora de Hollanda. Effects of gender and body weight on children’s peer choice during physical activities. *Behavior Analysis in Practice*, New York, v. 12, n. 3, p. 567-582, 2019. [online] Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-019-00350-9>. Acesso em: 10 jun. 2024.

THORNE, Barrie. *Gender Play: Girls and Boys in School*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

TONDATO, Marcia Perencin; VILAÇA, Maria Giselda. Mudaram as Princesas? Resignificações da identidade feminina nos SRSs. *RuMoRes*, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 370-391, 2019. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2019.160681>. Acesso em: 10 jun. 2023.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don H. Doing Gender. *Gender & Society*, New York, v. 1, n. 2, p. 125-151, 1987. [online] Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243287001002002>. Acesso em: 22 mar. 2023.

ZANELLO, Valeska. *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba: Appris. 2018.